

Vampiros não morrem

Ao longo dos meus anos como professor, procurei evitar ao máximo trabalhar com 6º ano. Não apenas por considerar os alunos muito infantis, mas principalmente por conta de minhas excentricidades pouco pedagógicas, que alternam seriedade, ironia e doses de mau humor matutino na primeira aula, misturadas a uma figura de cabelos longos, roupas escuras, um anel de família no dedo mínimo e um alto grau de astigmatismo, o que causa certa aversão à claridade.

Mas naquele ano eu era o único professor de língua portuguesa da escola com carga horária incompleta e a diretora, sempre disposta a ajudar, conseguiu abrir mais uma classe, com cerca de quinze alunos (mosca branca dos olhos azuis na escola pública) e com o horário todo adaptado à minha necessidade. Tudo perfeito, exceto por um detalhe: a sala nova era um 6º ano.

Apesar do detalhe que me incomodava, peguei as aulas da turma. Ao longo dos dias, os alunos observavam meus hábitos e tinham medo de mim, não respeito. Os coitados mal se mexiam! Conversando com colegas, descobri o motivo: para eles, eu era um vampiro que tinha um anel para enfeitiçá-los e, cada vez que eu mexia nele, estava tentando paralisar algum aluno. Culpa dos livros da série Crepúsculo, que estavam em seu auge. Ri muito da situação, mas também me senti mal por fazer aquelas crianças terem tanto medo de conviver comigo.

Na sexta-feira daquela semana, entrei na classe como de costume, com todos os alunos sentados e em silêncio. Mas havia algo estranho em suas feições, alguns com sorrisos discretos e outros com olhos arregalados. Ao me aproximar da cadeira, percebi o motivo da inquietação das crianças: minha mesa estava repleta de dentes de alho. Após meu susto inicial, inclinei-me para limpar a mesa e tentar seguir a rotina normalmente, mas uma aluna gritou, desesperada:

– Não, professor, você vai morrer!

Afastei os dentes de alho para o canto da mesa, rindo muito, e deixei bem claro que aqueles alhos velhos não teriam poder contra minha força. Espantada, outra aluna encerrou a brincadeira:

– Gente, ele é um vampiro imortal!

Michel Carlos Oliveira